

Imagens jornalísticas e futebol: a violência envolvendo torcedores organizados

Imágenes periodísticas y fútbol: la violencia que involucran a aficionados organizados

Journalist images and football: violence involving organized groups of football fans

Tarcyane Santos^a

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7913-3492>

Felipe Tavares Paes Lopes^b

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0213-7858>

José Rodrigo Paulino Fontanari^c

Orcid <https://orcid.org/0000-0001-8580-3029>

Recebido em: 01/03/2021. Aprovado em: 07/05/2021.

Resumo

A fim de contribuir para a compreensão da construção midiática da violência no futebol, este artigo descreve e interpreta os modos pelos quais os atores envolvidos num grave confronto entre torcedores organizados do Corinthians e do Palmeiras foram imageticamente construídos numa reportagem veiculada no portal G1/Globo Esporte de notícias da Rede Globo. Para realizar essa análise, embasa-se na obra de Roland Barthes. Entre outras coisas, conclui-se que o portal adota uma narrativa maniqueísta, que estigmatiza as torcidas organizadas e legitima o endurecimento penal, como se graves conflitos sociais pudessem ser transformados, fundamentalmente, pela força da lei. Também conclui-se que ele dissimula a dimensão social e política dessas torcidas.

Palavras-chave: Mídia. Imagem. Violência. Futebol. Torcida Organizada.

Resumen

Con el fin de contribuir a la comprensión de la construcción mediática de la violencia en el fútbol, este artículo describe e interpreta las formas en que los actores involucrados en un serio enfrentamiento entre la afición organizada del Corinthians y el Palmeiras fueron construídos imaginariamente en un informe sobre el G1 / Novedades Globo Sport de Rede Globo. Para realizar este análisis, se basa en el trabajo de Roland Barthes. Entre otras cosas, concluye que el portal adopta una narrativa maniquea, que estigmatiza a los simpatizantes organizados y legitima el endurecimiento criminal, como si graves conflictos sociales pudieran ser transformados, fundamentalmente, por la fuerza de la ley. También concluye que oculta la dimensión social y política de estos aficionados.

Palabras-llave: Medios. Imagen. Violencia. Fútbol. Multitud organizada.

Abstract

In order to contribute to the understanding of the media construction of violence in football, this article describes and interprets the ways in which the actors involved in a serious confrontation between organized groups of football fans of Corinthians and Palmeiras were imagetically constructed in a report published in Rede Globo's news portal "G1/Globo Esporte". To carry out this analysis, it is based on the work of Roland Barthes. Among other things, it concludes that the portal adopts a manichean narrative, which stigmatizes the organized groups of football fans and legitimizes criminal hardening, as if serious social conflicts could be transformed by the force of the law. It also concludes that it hides the social and political dimension of these groups.

Keywords: Media. Image. Violence. Organized Groups of Football Fans.

^a Programa de Pós-Graduação e Cultura da Universidade de Sorocaba. São Paulo/Brasil. E-mail: tarcyaneics@gmail.com

^b Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO). São Paulo/Brasil. E-mail: lopesftp@gmail.com

^c Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Brasil. E-mail: rodrigo-fontanari@hotmail.com

1 Introdução

Hoje em dia, a violência no futebol é frequentemente associada pelos meios de comunicação a um agrupamento específico: as torcidas organizadas. Essas torcidas surgiram na segunda metade dos anos 1960, durante a ditadura civil-militar (1964-1985), reivindicando autonomia face aos dirigentes dos clubes e adotando um estilo de torcer mais participativo, que inclui coreografias, gritos de guerra e cantos puxados pela bateria. Com o passar do tempo, elas cresceram e se fragmentaram em uma miríade de sub-grupos espalhados pelas cidades, além de estabelecerem novas redes de rivalidade e solidariedade que resultam em conflitos. Até o fim da década de 1970, todavia, as torcidas organizadas gozavam de prestígio junto à imprensa, que as via como associações progressistas, capazes de fazer frente ao *status quo*. Na verdade, foi somente na década de 1980 que a imprensa começou a dar destaque para as ações vandálicas e violentas de (parte de) seus membros – que ganharam novas proporções nos anos 1990, com a ocorrência de uma série de tragédias. A partir de então, passaram a ser caracterizadas como as principais vilãs dos conflitos no futebol brasileiro (HOLLANDA, 2009; LOPES, 2013).

Na última década, uma série de estudos (LOPES, 2013; SANTOS, 2005; HOLLANDA, 2009) começou a se debruçar sobre essa caracterização e a problematizá-la. No entanto, ainda hoje, praticamente não há estudos sobre o papel das imagens na construção dessa caracterização. Diante disso, neste artigo, objetivamos compreender as maneiras através das quais os confrontos envolvendo torcidas organizadas são imagetivamente construídos num dos principais portais de notícias do país: o G1/Globo Esporte. Mais especificamente, a reportagem *Clássicos no Estado de São Paulo terão torcida única até o fim deste ano*, assinada por Yan Resende, postada no dia 3 de abril de 2016. Nosso objetivo, vale sublinhar, não é captar a (suposta) realidade desses confrontos, que se revelaria por meio dessas mensagens, mas verificar como ela é efetivamente moldada pelos sentidos veiculados por tais imagens. Afinal, não compactuamos com o pressuposto de que as imagens são meras representações visuais de objetos ou acontecimentos que seriam constituídos, essencialmente, em um nível pré-simbólico. Entendemos que elas são constitutivas da realidade social, ou seja, são um instrumento ativo na produção dos fenômenos sociais. A fim de alcançarmos o objetivo proposto, concentramo-nos na construção das representações dos atores sociais que aparecem nessas imagens. Para tanto, amparamo-nos em alguns operadores teórico-metodológicos propostos pelo semiólogo e crítico literário francês Roland Barthes (1990), notadamente, em seu ensaio intitulado “A mensagem fotográfica”. Antes de apresentá-la, contudo, cabe contextualizar a violência no

futebol, (re)construindo suas condições sociais e históricas de produção. Afinal, as imagens sob análise não subsistem num vácuo, mas estão inseridas em contextos concretos. Posteriormente, apresentamos o desenho metodológico, que compreende os procedimentos de construção, tratamento e interpretação do *corpus* da pesquisa, bem como dos elementos verbo-visuais.

2 Condições sociais e históricas de produção da(s) violência(s) no futebol

1. No Brasil, há registros de violência envolvendo torcedores desde os primórdios do futebol. É ilustrativo aquele que ficou conhecido como o “jogo das pás de remo”, em 1923. Neste, torcedores do Vasco da Gama foram agredidos por remadores do Flamengo, que utilizavam pás de remo como armas e instrumentos de ameaça e intimidação (MURAD, 2017). No entanto, a partir da década de 1970, os confrontos no futebol brasileiro ganharam novos contornos, passando a ser menos “espontâneos” e mais “militarizados” (MURAD, 2017). Essa militarização pode ser atribuída, em parte, ao legado autoritário da ditadura civil-militar (1964-1985), quando o país foi conduzido por governos autoritários, ilegítimos e não representativos. Nesse período, também nasceu o “Campeonato Brasileiro de Futebol”, consolidando o deslocamento coletivo de torcedores e estreitando as relações de amizade e inimizade entre as torcidas organizadas.
2. Ao longo dos anos, essas torcidas foram se tornando mais burocráticas, empresariais e violentas (SANTOS, 2005; HOLLANDA, 2009; TEIXEIRA; LOPES, 2018). Isso não significa, todavia, que todas elas se engajem em conflitos violentos. Há diversos tipos de torcidas organizadas e, entre eles, há aquelas torcidas que rejeitam a belicosidade como elemento distintivo, como é o caso das torcidas “chopes” e “rastas”^a. E, mesmo entre aquelas que valorizam a disposição para os embates corporais – as torcidas “de pista” –, com frequência, a briga é vista apenas como uma resposta a uma ação provocada por um agrupamento rival ou pela polícia.

Diferentemente do que costuma pregar o “senso comum”, esses embates não são sem sentido, ou seja, não são o produto de pessoas irracionais, “excrescências” da sociedade, que personificariam a maldade. Ao contrário, é justamente porque possuem uma lógica (social,

^a Tais torcidas pertencem ao universo mais amplo das torcidas organizadas e suas denominações referem-se, no caso das últimas, a suas ligações com a cultura rastafari e, no caso das primeiras, à prática de consumir cerveja, que serve como um elemento comum de socialização e estabelecimento de vínculos de amizade.

cultural, econômica etc.) que podem ser explicados. Entre outras razões, Murad (2017) destaca a impunidade e a fragilidade do controle da circulação de armas de fogo no Brasil. Por sua vez, Zucal (2010) sublinha a ineficiência da polícia, bem como destaca que a violência opera como um instrumento de posicionamento identitário, capaz de fornecer algum sentimento de pertencimento num mundo cada vez mais atomizado e individualista. Também observa que ela permite a inserção numa rede de favores e pode ser fonte de poder, visibilidade e adrenalina.

3 Desenho metodológico

Uma vez apresentado o contexto sócio-histórico de produção da(s) violência(s) no futebol, cabe, agora, apresentar os procedimentos de construção, tratamento e interpretação do *corpus* da pesquisa.

3.1 Construção do corpus

O *corpus* desta pesquisa reúne os elementos discursivos e visuais da reportagem “Clássicos no Estado de São Paulo terão torcida única até o fim deste ano”, assinada por Yan Resende. A opção por selecionarmos essa reportagem específica justifica-se por sua relevância. Afinal, foi veiculada no portal de notícias G1, que é um dos principais do país. Tal portal foi lançado em 18 de setembro de 2006 e é mantido pelo Grupo Globo, sob orientação da Central Globo de Jornalismo. Basicamente,

se caracteriza por ser um site na internet projetado para aglomerar e distribuir conteúdo de várias fontes diferentes de maneira uniforme, sendo um ponto de acesso para uma série de outros sites e subsites, internamente ou externamente, ao domínio ou subdomínio da empresa gestora, do portal (CARVALHO, 2018, p.787-789).

Além de ter sido publicado em um dos maiores portais de notícias do país, essa reportagem aborda um episódio-chave, que levou a implementação da polêmica decisão de impedir torcidas visitantes nos clássicos paulistas. Os jogos de torcida única são uma medida que vem sendo adotada, há algum tempo, em outros países, como a Argentina. No Brasil, clássicos com torcida única já foram adotados em pelo menos três estados. Em São Paulo, a medida foi implementada em 2016, a pedido do Ministério Público à Federação Paulista de Futebol (FPF), após os confrontos abordados na reportagem sob análise. Tais confrontos foram protagonizados por torcedores organizados do Corinthians e Palmeiras e ocorreram antes e

depois de um clássico válido pela 14ª rodada do Campeonato Paulista, resultando na morte de um torcedor no bairro de São Miguel Paulista. Desde então, jogos entre os quatro clubes grandes do estado contam apenas com torcedores do mandante^b.

Essa medida veio acompanhada da proibição das torcidas organizadas de entrarem nos estádios paulistas com faixas, instrumentos ou qualquer utensílio que as identifique. Proibição que acabou sendo flexibilizada em 2017, quando as organizadas paulistas assinaram um TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) e puderam voltar a entrar com (parte de) seu material, com exceção de algumas corintianas, por conta de um processo que respondiam no Rio de Janeiro. De modo geral, pode-se dizer que essa proibição e os jogos de torcida única se inserem num contexto mais amplo caracterizado pela criminalização das torcidas organizadas e pelo fortalecimento dos mecanismos de controle panóptico do torcedor em todo o Brasil (LOPES, 2013).

3.2 Tratamento e interpretação do corpus

Para um melhor acercamento dos elementos discursivos e visuais, ampararmo-nos em alguns operadores metodológicos propostos pelo semiólogo e crítico literário francês Roland Barthes, notadamente, em seu ensaio intitulado “A mensagem fotográfica”. Publicado em 1961, em plena efervescência do estruturalismo e do que tempo mais tarde veio a ser denominado *linguistic turn*, nessa importante revista atuante até os dias de hoje, significativamente intitulada, *Communication*. Cabe lembrar que muito embora esse texto seja redigido no momento de efervescência do movimento estruturalista francês, Barthes já se mostra interessado não apenas em apreender o sentido nos diversos sistemas verbo-visuais, mas, muito mais preocupado como a significação se constrói.

Em “A mensagem fotográfica”, postumamente reunido no volume *O Óbvio e o obtuso*, Barthes explica então que toda imagem é, no limite, uma mensagem e que, portanto, há um emissor, um receptor e um canal. Considera-se o emissor a redação do jornal, o receptor o público que o lê, e o canal, o próprio veículo de comunicação. Trata-se de uma mensagem complexa, pois, além da fotografia em si mesma comporta dois planos, ser uma mensagem

^b A expressão “clube mandante” é muito utilizada no universo do futebol e refere-se ao “time da casa”, que tem o mando da partida. Este quase sempre é exercido em um estádio situado na cidade onde o “clube mandante” tem sua sede permanente, mas há casos em que as agremiações optam por jogar em outras praças – geralmente, por razões econômicas.

denotada (sem código, objetiva, análoga) e conatada (codificada, subjetiva, retórica), ela vem rodeada de outras mensagens textuais, títulos, legenda e o próprio texto jornalístico presente em seu em torno.

E, para analisar seriamente a mensagem jornalística, é preciso decompô-la em suas duas estruturas: a linguística e a fotográfica. O processo de codificação da mensagem fotográfica pode se dar por meio da trucagem, isto é, alteração do significado da fotografia; da pose refere-se à maneira como o sujeito fotografado aparece na fotografia, influenciando na percepção do leitor, do uso de objetos, ou seja, a própria composição dos elementos na imagem; da fotogenia para mencionar a própria qualidade da produção, uma espécie de aparição que torna a imagem poética encantadora; do esteticismo que possibilita impor à imagem um significado mais sutil ou complexo dos outros processos de conotação; e da sintaxe da sua relação com outras imagens que formam uma sequência. Por fim, há ainda uma outra maneira de conotar a imagem que lhe é externa, e que é produzida pelo próprio texto, pelo seu processo de ancoragem da imagem.

De maneira mais prática, os elementos apontados por Barthes servirão de lente de aumento para exame do *corpus* aqui elencado, na lição prática de descrição e interpretação que se segue.

4 Descrição e interpretação dos elementos verbo-visuais

A reportagem do portal G1/Globo Esporte foi postada no dia 3 de abril de 2016, um dia depois do confronto supramencionado entre as torcidas do Palmeiras e Corinthians, que resultou na morte de uma pessoa e a proibição, anunciada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, de ter duas torcidas nos clássicos do futebol paulista. O texto foi escrito a partir de uma matéria exibida na televisão sobre esse evento. Logo após o título da reportagem, aparece o *link* para um vídeo do Jornal Nacional^c sobre a briga. A postagem desse vídeo, com imagens do confronto, deve ser entendida não apenas como uma forma acessória de comunicação. Afinal, ainda que possam existir diferenças fundamentais entre imagens (incluindo as em movimento) e palavras, porque procedem de processos mentais essencialmente distintos, quando combinadas, produzem sentidos novos (SPINK, 2005) – no caso, para o confronto noticiado.

^c O Jornal Nacional é o telejornal de maior audiência no Brasil. Ele foi ao ar pela primeira vez em 1969 e é exibido pela Rede Globo, no horário nobre, de segunda-feira a sábado.

No imaginário social, a imagem captura a essência da realidade. Ela seria objetiva, neutra e desinteressada, apenas mostrando aquilo que realmente aconteceu. Nesse sentido, as imagens do confronto (e de suas consequências), manifestadas tanto no vídeo quanto em três fotografias que aparecem ao longo da reportagem, constituem um importante recurso retórico para convencer a audiência de que o fenômeno apresentado é real e que sua gravidade é inquestionável. Afinal, tal como diz o ditado popular, “as imagens não mentem”. No entanto, longe de ser um retrato fiel da realidade, as imagens são produtos de recortes, escolhas, ângulos, procedimentos tecnológicos etc. E só são publicadas em um site ou veiculadas em um telejornal porque contribuem para contar uma história que está de acordo com a proposta editorial do veículo de comunicação. Em outras palavras, um confronto não é uma coisa – como uma concha, que coletamos na praia –, mas um emaranhado de pessoas, instituições, práticas, tribunais, legislações, ferimentos, representações, hospitais, armas, cemitérios, sentimentos etc., que se relacionam e, em conjunto, produzem o que habitualmente denominamos de “violência”. As imagens (em movimento ou não) do confronto noticiado serviram, portanto, para amarrar esses atores humanos e não humanos a um contexto particular, tecendo uma narrativa específica, que criou vítimas, motivações, circunstâncias etc. (SPINK, 2005).

Vamos, então, à narrativa do vídeo. Ele começa com os âncoras do Jornal Nacional apresentando a notícia. A apresentadora Fernanda Vasconcellos fala sobre a nova medida, os jogos de torcida única, e observa que, no dia anterior, um homem que passava na rua foi morto devido à briga entre torcedores do Corinthians e do Palmeiras. Em seguida, o vídeo mostra imagens de vários torcedores atravessando a rua correndo, enquanto carros passam entre eles. Os torcedores, aparentemente, estão indo para o confronto com rivais. Essa imagem evoca as ideias de desordem, de multidão desgovernada, de irracionalidade, de insanidade. Ao mesmo tempo, dissimula as origens do evento, ou seja, as relações sociais que o explicam, na medida em que o petrifica no seu momento mais dramático. O locutor, paralelamente, observa que integrantes de torcidas organizadas se confrontaram três vezes no domingo, associando essas torcidas às ideias evocadas.

Depois, o vídeo mostra a morte de um homem que passava na rua e foi baleado no peito. Mais exatamente, mostra uma imagem que focaliza seu vulto caindo e, logo em seguida, mostra pessoas passando correndo por ele. Tais imagens foram gravadas por uma câmera de segurança por trás de uma porta. Em *off*, o repórter diz que as pessoas que passaram correndo não prestaram socorro. Essa observação é importante, pois serve para revesti-las com a imagem da

maldade, uma vez que se omitiriam em uma situação de risco de morte, não sendo capazes de ter empatia. De sofrer com o sofrimento alheio. A ideia de que “prestar socorro” é uma obrigação moral é tão presente no imaginário social que influencia, inclusive, a legislação brasileira. Tanto que negá-lo a fazer é crime. Logo em seguida, o vídeo apresenta outra imagem, na qual há uma entrevista com uma pessoa, que não quis se identificar, falando sobre o ocorrido: “infelizmente o que houve não foi torcedores, foi bandidagem”. Depois, aparece a delegacia de Guarulhos e um repórter que relata a apreensão, feita pela guarda civil, de um arsenal que estava com torcedores, mostrando as imagens das armas (barras de ferro, barras de madeira com marcas de sangue e rojões), evocando a ideia de guerra.

Intercalada à imagem das armas, uma pessoa (aparentemente uma mulher, não é possível precisar, pois apenas seu vulto é exibido), que também não quis se identificar, diz ao repórter: “Pânico generalizado. Eu pensei que fosse desmaiar de tanto medo, que era muita gente”. Interessante observar que a fala selecionada não explica nada, apenas explicita os sentimentos da entrevistada. Conseqüentemente, podemos afirmar que ela é colocada, implicitamente, na condição de uma pessoa incompetente para explicar o acontecimento do qual é ela própria protagonista. É capaz de sentir o que vivenciou, mas não de explicá-lo. Quem explica, ou seja, quem é capaz de pensar o que aconteceu é, conforme retomaremos, o locutor. Esse é o senhor da razão no vídeo analisado. E cabe recordar que, para diversas vertentes do pensamento filosófico, a racionalidade é justamente a marca do humano. Nesse sentido, podemos dizer que, seguindo o padrão jornalístico hegemônico, em lugar de manifestar a opinião pública, a fala da entrevistada serve apenas para engrossar o caldo da manifestação pública de sentimentos.

O vídeo continua mostrando, por meio das câmeras de segurança do metrô, a briga na estação Brás. Um torcedor sai de um metrô e atira um rojão em plena estação. Ao fundo, é possível observar uma mulher correndo enquanto segura duas crianças pelas mãos. Essa cena suscita a percepção de que a violência entre torcidas pode afetar qualquer um – incluindo pessoas indefesas e frágeis – o que contribui para revestir os torcedores brigões com a imagem da covardia. Estes são, assim, posicionados como indivíduos bárbaros, uma vez que seriam incapazes de se comportar de forma civilizada, a partir das regras sociais vigentes. Indivíduos que, portanto, constituiriam uma ameaça à vida em sociedade – e aquilo que (supostamente) há mais de sagrado nela, a família (expressa na imagem da suposta mãe com suas filhas). Em outras palavras, os referidos torcedores são construídos como um inimigo, contra o qual somos

chamados a expurgá-lo. Ao mesmo tempo, a violência é construída como um acidente, não como a essência mesma das relações sociais.

Em seguida, é possível observar outro torcedor, com a camisa de uma organizada corintiana, saindo do mesmo vagão e atirando outro rojão. Uma nuvem de fumaça cobre a estação. Na cena subsequente, exibe-se a imagem do trem com corintianos já com a porta fechada e vários torcedores organizados do Palmeiras avançando contra ele. Com socos e ponta pés, quebram as janelas e portas do trem, invadindo o vagão. A exibição dessas imagens vem acompanhada de uma voz ao fundo, que observa que “a briga foi com rojões disparados pelos corintianos contra os palmeirenses, que reagiram, depredaram e invadiram o vagão onde estavam os torcedores rivais”. Importante sublinhar que aqui, novamente, a ideia de multidão desgovernada é evocada e os torcedores organizados, conectados à irracionalidade.

Na imagem subsequente, aparece o repórter falando que “houve ainda um quarto conflito, uma hora depois do jogo, neste ponto a pouco mais de 2 km do estádio”. E que “este, segundo a polícia e o Ministério Público, com característica de emboscada por parte de torcedores do Corinthians, dois deles já envolvidos em graves episódios de violência no passado”. Em seguida, o repórter segue narrando os atos de violência de torcedores organizados de futebol, mostrando os torcedores do Corinthians acusados de terem matado com um sinalizador um garoto em Oruro, na Bolívia, num episódio que teve ampla repercussão nos meios de comunicação. Em seguida, mostra uma imagem deles dentro da cadeia, espremidos contra a grade da janela. Imagem que contribui para construir as torcidas organizadas como facções criminosas.

Na cena seguinte, o vídeo mostra o momento em que o sinalizador foi arremessado no episódio de Oruro, a foto do garoto morto e a chegada dos torcedores que estavam presos na Bolívia ao Brasil. Neste momento, o locutor diz que, de volta ao país, Leandro, um dos torcedores presos na Bolívia (e que teria se envolvido no episódio noticiado), havia se envolvido também numa briga contra torcedores do Vasco, em um jogo no estádio Mané Garrincha, em Brasília. A relação entre esses três episódios sugere a ideia de que os torcedores organizados são naturalmente violentos, irrecuperáveis e inassimiláveis pela sociedade, legitimando a ideia de que devem ser eliminados. Tanto que, em seguida, aparece a imagem do promotor de justiça Paulo Castilho enfatizando a necessidade de se pensar num novo modelo de torcida organizada. A reportagem termina com o promotor dizendo que “nesses moldes que a torcida organizada existe hoje, ela morreu, ela sucumbiu, ela não pode existir”.

Logo abaixo do link para o vídeo, a reportagem apresenta mais informações textuais sobre as mudanças que iriam vigorar. Em seguida, exibe uma foto (Figura 1) do então secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Alexandre de Moraes, juntamente com outras autoridades sentadas, debatendo medidas de combate à violência no futebol, conforme a legenda da foto. No centro da foto, aparece o distintivo da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Este emblema e os homens vestidos de terno e gravata dão o tom de seriedade à discussão. Os significantes – os homens de terno e gravata sentados ao redor de uma mesa sob o emblema da Secretaria de Segurança Pública – apontam para significados que remetem à autoridade, ordem, seriedade e resolução de conflitos.

Fig. 1 – Medidas para o combate à violência no futebol que foram anunciadas na Secretaria de Segurança Pública (Foto: Yan Resende).



Fonte: imagem capturada na rede¹

O parágrafo abaixo da foto observa que a medida solicitada pelo Ministério Público à Federação Paulista de Futebol de reduzir os clássicos disputados no estado entre Corinthians,

¹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/04/classicos-em-sao-paulo-terao-torcida-unica-ate-o-fim-deste-ano.html>. Acesso em: 18 jan. 2018.

Palmeiras, São Paulo e Santos a uma única torcida, a do time mandante, ocorreu no dia seguinte à morte de uma pessoa em São Miguel Paulista, durante a briga entre torcedores do Palmeiras e do Corinthians. “Em confronto antes e depois do jogo, quase 60 integrantes de torcidas organizadas foram detidos” (G1/GLOBO ESPORTE, s/p. abr. 2016).

Logo em seguida, a reportagem exibe uma segunda foto (Figura 2), que mostra um corpo embrulhado numa calçada com sangue escorrendo. A imagem serve para mostrar as consequências do confronto: o assassinato de uma pessoa, conforme indica a legenda, que não tinha nenhuma relação com a torcida. O fato de a vítima não ter relação com o confronto (não enquanto promotora, ao menos) tende a torná-lo ainda mais est arrecedor para o leitor e sugere o perigo que os torcedores organizados podem representar às pessoas, pois a violência não se restringiria apenas a eles, mas abrangeria a sociedade de maneira geral. Seria aleatória.

Fig. 2: Vítima morta na zona leste não participava de briga, segundo a PM (Foto: Helio Torchi/ Simapress/ Estádio Conteúdo).



Fonte: imagem capturada na rede².

² Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/04/classicos-em-sao-paulo-terao-torcida-unica-ate-o-fim-deste-ano.html>. Acesso em: 18 jan. 2018.

A construção da sociedade como vítima potencial da violência no futebol serve para reforçar sua dramatização. E a dramatização de um problema social, conforme sublinha Loseke (2008), pode contribuir, ao mesmo tempo, para aumentar a audiência jornalística e para criar um senso de urgência na sua resolução. Também cabe destacar que a imagem da morte, expressa no corpo embrulhado, tende a fazer crer que o episódio está claro e decidido, ocultando a ambiguidade e fluidez intrínsecas a todo conflito social. Este é um aspecto relevante, pois, ao petrificar o confronto na imagem de sua consequência mais direta e dramática, a reportagem o constrói como um ponto puramente presente, sem continuidade no tempo, sem origens, como se não fizesse parte de uma história. Esta permanece desconhecida para o leitor. Conseqüentemente, a briga aparece, mais uma vez, como um ato repentino de loucura, de insanidade, de irracionalidade, e não como o produto de determinadas condições sociais e históricas.

No parágrafo seguinte, a reportagem continua e aponta que a Inglaterra é o país mais citado em relação ao combate à violência das torcidas organizadas, sugerindo que a repressão aos torcedores é uma possível solução:

No início da década de 80, por causa da má conduta dos hooligans, os clubes ingleses foram proibidos de disputar competições europeias por cinco anos. Na ocasião, houve também forte repressão policial e isolamento das facções. Na Argentina, após um 2013 violento, todos os jogos passaram a ter torcida única (G1/GLOBO ESPORTE, s/p. abr. 2016).

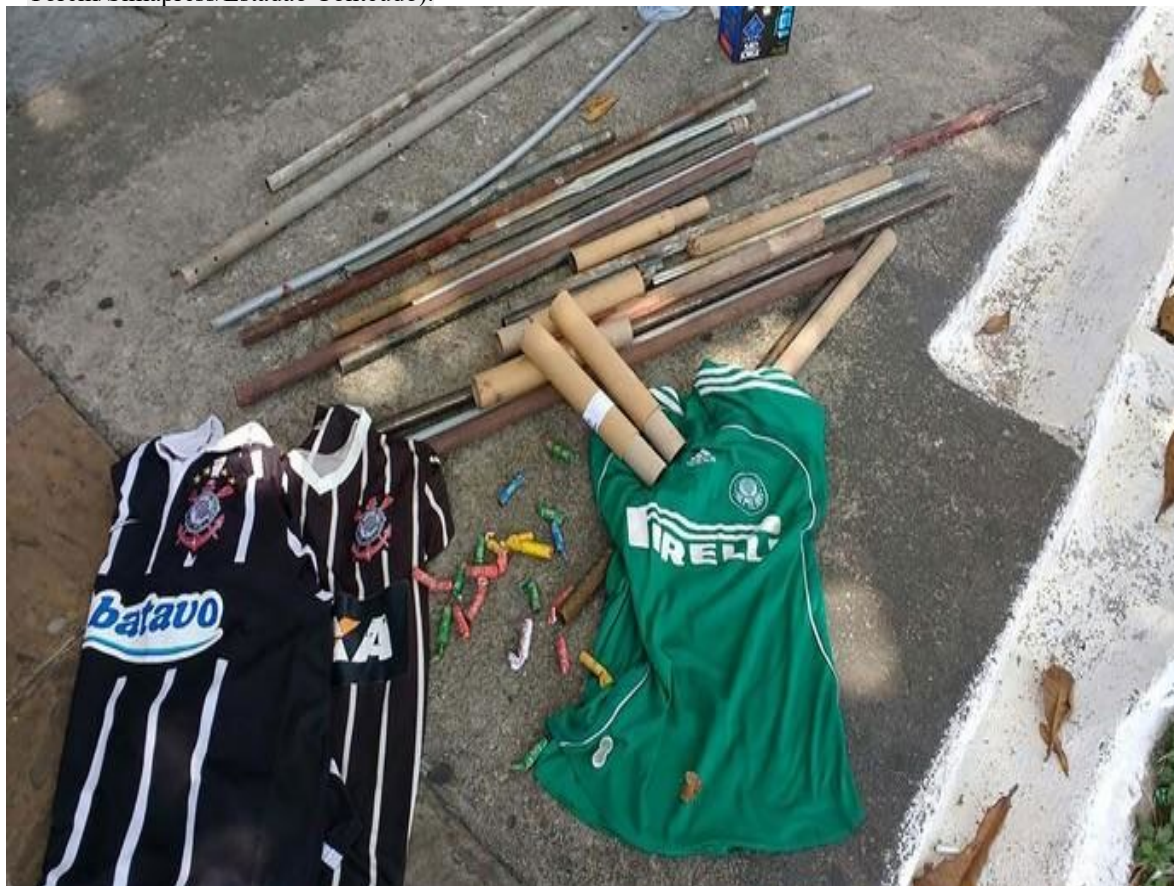
Em seguida, a reportagem anuncia mais duas medidas adotadas pelo secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Alexandre Morais, e pelo promotor Paulo Castilho, que proíbem “as torcidas de entrarem nos estádios paulistas com faixas, instrumentos ou qualquer utensílio que as identifique. Isso vale para todas as partidas do estado, não só clássicos, também para torcedores de times de outros estados que jogarem em São Paulo” (G1/GLOBO ESPORTE, s/p. abr. 2016).

No parágrafo seguinte, que introduz o tópico intitulado “E MAIS: Presos de Oruru são detidos por briga antes de clássico paulista”, é anunciada a proibição de doação de ingressos dos clubes para as torcidas organizadas e a comercialização de bilhetes sendo feitas somente pela internet, sem bilheteria. Com a finalidade de legitimar a medida, a reportagem evoca a voz do secretário de Segurança Pública: “Nenhuma medida será mágica, mas acreditamos que esse conjunto será efetivo. Já reduzimos a violência dentro dos estádios...Vamos seguir tomando medidas para que tenha efeito também fora deles – disse o secretário Alexandre de Morais” (G1/GLOBO ESPORTE, s/p. abr. 2016).

Aqui, a reportagem segue o padrão hegemônico de cobertura dos conflitos no futebol: a fonte de informação (e reflexão) é uma autoridade pública. A voz dos torcedores organizados foi, como de costume, silenciada. Esse silenciamento, conforme sugerem alguns estudos (LOPES, 2013), é produzida e produtora dos estigmas da “violência”, da “barbárie” e da “irracionalidade” que recaem sobre esses torcedores, maculando sua identidade individual e social. Afinal, esses estigmas os convertem em pessoas “desacreditáveis” e, conseqüentemente, em sujeitos que não devem ser escutados e incluídos nos debates públicos sobre eles próprios. Ao mesmo tempo, ao serem excluídos desses debates, suas explicações, versões e pontos de vista permanecem na penumbra, dificultando a constituição de qualquer empatia por eles e explicação para suas ações, o que contribui para sua vilanização. Isto é, para reforçar a ideia de que seriam a encarnação da maldade. Um obstáculo ao processo civilizador.

Em seguida, a reportagem exhibe mais uma foto (Figura 3), com camisas oficiais do Corinthians e do Palmeiras estendidas no chão, ao lado de barras de ferro, de madeira e rojões apreendidos. A imagem é sugestiva de quem seriam os culpados da violência no futebol e, portanto, daqueles que deveriam ser banidos. Não é necessário o rosto dos culpados pelos crimes, pois os significantes – torcidas dos clubes paulistas Corinthians e Palmeiras, ao lado de barras de ferro, de madeiras e rojões –, apontam para a suposta relação entre os torcedores e a violência. Chama atenção que essas camisas são dos clubes, e não das torcidas organizadas. Na maioria das vezes, os torcedores organizados usam seus próprios símbolos, e não os dos clubes, como as suas camisas oficiais, que geralmente têm patrocínio de empresas. Por isso, caso a imagem não estivesse inserida num contexto de criminalização das torcidas organizadas, o leitor provavelmente não associaria os crimes com as organizadas, podendo ser quaisquer torcedores de ambas as equipes. A imagem e a legenda evidenciam a relação entre torcida e violência.

Fig. 3: Barras de ferro, de madeira e rojões foram apreendidos no domingo (Foto: Helio Torchi/Simapress/Estadão Conteúdo).



Fonte: imagem capturada na rede³.

A reportagem termina dizendo que a Secretaria de Segurança Pública identificou nas brigas de domingo, por meio de câmeras de segurança do metrô, quase 50 pessoas envolvidas, e que o Ministério Público faria com que as torcidas organizadas Mancha Alviverde, do Palmeiras, e Camisa 12, do Corinthians, respondessem judicialmente por crime de vandalismo. As últimas palavras da matéria são as do Promotor Castilho e do Secretário Alexandre de Moraes sobre a questão da impunidade das torcidas organizadas e da sucessão de crimes derivados de uma falta de punição mais efetiva. Para Castilho, “a impunidade alimenta a criminalidade das torcidas. O modelo de hoje incita a violência entre elas, mas o cerco está se fechando” (G1/GLOBO ESPORTE, s/p. abr. 2016).

³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/04/classicos-em-sao-paulo-terao-torcida-unica-ate-o-fim-deste-ano.html>. Acesso em: 18 jan. 2018.

Alexandre de Moraes, por sua vez, ao refletir sobre o fato de que todos os 57 torcedores detidos antes e depois do clássico haviam sido soltos após prestar o depoimento no domingo, afirma: “no momento em que houve o crime, eu entendo a tipificação pelo artigo 41 (promover tumulto, praticar ou incitar a violência), mas, mas olhando posteriormente, com mais calma, eu tipificaria por participação em homicídio por dolo eventual”, apontando a legislação atual como “arcaica e extremamente frágil” (G1/GLOBO ESPORTE, s/p. abr. 2016). Dessa forma, os torcedores deveriam ter uma punição muito maior, já que o crime incidiria num patamar mais grave do que a lei imputa. Ao invés da tipificação pelo artigo 41, a legislação deveria ser modificada, a fim de punir com mais severidade os conflitos entre os torcedores.

A afirmação do então secretário de Segurança Pública reforça o discurso, amplamente dominante, que advoga o endurecimento penal (LOPES, 2013). Discurso que judicializa a resolução do problema da violência no futebol, como se graves conflitos sociais pudessem ser transformados, fundamentalmente, pela força da lei. Interessante sublinhar que tal discurso faz crer que a solução para esses conflitos está na mão dos legisladores, excluindo outros atores engajados na sua transformação. Ao mesmo tempo, desvia a atenção de outros caminhos que podem ser percorridos para se chegar à resolução do referido problema, como aqueles trilhados em outros países, como a Alemanha. Esta apostou, com relativo sucesso, no diálogo com os torcedores ditos “problemáticos” e em ações socio-pedagógicas voltadas a eles (TEIXEIRA; LOPES, 2018).

5 Considerações finais

Ao abordar o tema, o portal derivado do jornalismo da Rede Globo adotou uma narrativa de caráter nitidamente maniqueísta, que estigmatiza as torcidas organizadas ao mesmo tempo em que dissimula sua dimensão social e política. Estudos vêm apontando que a mídia de maneira geral se utiliza de uma série de metáforas para construir essa narrativa – como a da natureza, que identifica o torcedor organizado (ao menos os associados a atos violentos) em termos de ações animais e/ou patológicas. Estes seriam “o lado podre”, “terríveis excrescências”, uma “doença”.

Na reportagem que selecionamos, a narrativa verbal reforça e ancora a construção imagética da violência, ambas caminhando para um único sentido: criminalizar as torcidas organizadas e bani-las não apenas dos estádios, como também da sociedade. Acreditamos assim

que a narrativa imagética é reforçada pelo discurso verbal, fixando os sentidos possíveis (denotados) aos objetos. Não por acaso, Barthes (2005, p. 79) acusa o caráter “logoicônico” dessa civilização da imagem, em que “não é a imagem nem a linguagem, mas essa imagem acompanhada de linguagem”. É assim que mesmo com a ausência dos símbolos das torcidas organizadas (suas camisas, broches, bandeiras etc.) e dos próprios torcedores das fotografias na reportagem, chega-se à conclusão de que os todos os torcedores organizados devem ser banidos do futebol por serem protagonistas de cenas de violência.

A Narrativa, em última instância, contribui para legitimar o controle social sobre os torcedores organizados, mantendo-os numa posição de subordinação na estrutura de poder do universo do futebol (LOPES, 2013). Afinal, os possíveis receptores/consumidores do portal são os segmentos sociais e as instituições que debatem e formulam as políticas públicas. “Sendo assim, as produções acadêmicas, institucionais, estatais e da mídia atuam, nesse contexto sócio-histórico de análise, não apenas como atores sociais produtores, mas como também receptores de formas simbólicas” (ANDRADE, 2004, p. 94). Há aí o que Barthes (1990, p.33) denuncia como o controle do sentido da imagem por meio do texto, muito encontrado na fotografia jornalística e na publicidade. Em suas palavras, “compreende-se que seja ao nível do texto que se dê o investimento da moral e da ideologia de uma sociedade”, posto que a fixação decorrente da mensagem linguística é uma forma de controle em relação à multiplicidade de significados que uma imagem pode comportar.

Referências

BARTHES, R. **Imagem e Moda**. Inéditos volume 3. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DUNNING, E. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

FLORES, M. 8 problemas extremamente graves do Brasil, na opinião dos brasileiros. **Agência de Notícias CNI**, 11 fev. s/p, 2016. Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/agenciacni/noticias/2016/02/8-problemas-extremamente-graves-do-brasil-na-opinioao-dos-brasileiros/>. Acesso em: 12 abr. 2018.

HOLLANDA, B. B. B. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

LOPES, F. T. P. Dimensões públicas do debate acerca da violência no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. v. 27, n. 4, 2013, p. 597-612.

LOSEKE, D. R. **Thinking about social problems**. 2 ed. New Brunswick: Transaction, 2008.

MURAD, M. **A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas**. 2 ed. São Paulo: Benvirá, 2017.

PINHEIRO, P. S.; ALMEIDA, G. A. **Violência urbana**. São Paulo: Publifolha, 2003.

RESENDE, Y. Clássicos no Estado de São Paulo terão torcida única até o fim deste ano”. **G1/Globo Esporte**. 04 abr. 2016. s/p. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/04/classicos-em-sao-paulo-terao-torcida-unica-ate-o-fim-deste-ano.html>. Acesso em: 18 jan. 2018.

SANTOS, T. C dos. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. 01. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

SPINK, M. J. O poder das imagens na naturalização das desigualdades: os crimes no cotidiano da mídia jornalística. In: SPINK, M. J.; SPINK, P. **Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: uma semana de notícias nos jornais**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 17-41.

TEIXEIRA, R.; LOPES, F. T. P. Reflexões sobre o 'Projeto Torcedor' alemão: produzindo subsídios para o debate acerca da prevenção da violência no futebol brasileiro a partir de uma perspectiva sociopedagógica. **Revista de Antropologia - USP**. v. 61, n. 3, 2018, p. 130-161. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/152037>. Acesso em: 11 mar. 2019.

THOMPSON, J. B. A nova visibilidade. **Revista Matrizes**, n.2, p.15-38, abr. de 2008. Disponível em: www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/download/5230/5253. Acesso em: 28 maio 2016.

ZUCAL, J. G. **Nosotros nos peleamos: violencia e identidad de una hinchada de fútbol**. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2010.

^a Docente do Programa de Pós-Graduação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com Pós-Doutorado pela mesma instituição. Bolsista Jovem Pesquisadora da Fapesp no período de 2008 a 2012. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO), Sorocaba/SP.

^b Doutor em Psicologia Social pela USP e fez pós-doutorado no CPDOC-FGV e na FEF-Unicamp. Atualmente, é docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura e desenvolve pesquisa sobre ativismo no futebol com apoio da Fapesp.

^c Doutor em Comunicação e semiótica.